

ANÁLISE LINGUÍSTICA ALLA BAKHTINIANA E O USO DA VISOGRAFIA PARA O REGISTRO DA POÉTICA DE DUARTE

Claudio Alves Benassi (PPGEL/UFMT)

Simone de Jesus Padilha (PPGEL/UFMT)

Resumo: A Escrita de Língua de Sinais (ELS) não é um recurso gráfico recente. No mundo, inclusive no Brasil, existem vários sistemas de ELS. No entanto, apesar de reconhecida a importância do registro gráfico das Línguas de Sinais (LS) para o desenvolvimento cognitivo do sujeito visual, ela, no Brasil, ainda não se efetivou na educação desses sujeitos. Neste artigo, pretendemos abordar a Escrita da Língua de Sinais (ELS) como uma possibilidade de registro *ad aeternum* (eternamente) da cultura e da literatura das Línguas de Sinais (LS). Discorreremos brevemente sobre a história das ELS, para então abordarmos um novo sistema de grafia das LS, proposto pelo Professor Claudio Alves Benassi, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Apresentaremos o poema *Sentimentos* do Professor Anderson Simão Duarte (*Formiga em arte*, 2015) da UFMT. A análise, que será feita do poema (que foi concebido em LS), será realizada pela perspectiva da teoria bakhtiniana, seguindo os três passos da análise proposta por Bakhtin, ou seja, descrição do objeto estético; apresentação dos elementos cognitivos e, por último, análise de sua função teleológica. Com isso, pretendemos apresentar à comunidade acadêmica nossas descobertas em relação à rima e métrica em poemas sinalizados, as quais são elementos constitutivos da estrutura deste tipo de gênero ainda não explorados em análises anteriores na área da literatura das línguas de sinais.

Palavras-Chave: Escrita da Língua de Sinais. VisoGrafia. Poética. Estética. Bakhtin.

1 Introdução

De todos os inventos tecnológicos, talvez a escrita tenha sido a mais revolucionária. Assim consideramos, pois, até então, todo o conhecimento acumulado durante milhares de anos era transmitido oralmente, o que o tornava mais passível de alterações constantes com o passar do tempo, como diz a máxima popular: *quem conta um conto, aumenta um ponto*. Com esse modo de transmissão, muito do conhecimento se perdia, pois podemos pressupor que as maiores demandas giravam em torno das atividades do hodierno, levando ao esquecimento culturas, modos de vida e o próprio conhecimento. Poder-se-ia afirmar que um princípio de registro gráfico do conhecimento humano seriam os desenhos rupestres. Antes de qualquer elaboração estética, esses desenhos eram uma forma de registrar dados a respeito das fontes alimentícias daquela época.

Segundo os autores Pécora e Osakabe (2009), na apresentação do livro *Linguagem, escrita e poder*, assinado pelo autor Maurizio Gnerre (2009, p. 02), vivemos numa sociedade grafocêntrica. Para Benassi e Duarte (2014, p. 93), “isso implica dizer que somos regidos pela escrita e que por ela perpassam as relações

ideológicas e de poder”. Todo discurso, ideológico por natureza (BAKHTIN, 2010), só pode ser perpetuado em sua essência, ainda que dado a interpretações, pela escrita. Para Bakhtin (2003 [1979], p. 261) e Santaella (1983, p. 13), as relações humanas são mediadas e perpassadas pela linguagem, e isso independe do campo ou da área do conhecimento em que se insere. Para Benassi e Duarte (2014), quanto maior for o nível de instrução de um sujeito, maior “‘poder’ ele alcança em um determinado grupo social. A representação da linguagem verbalizada, a escrita, é a demonstração clara e nítida do nível de conhecimento e erudição de um sujeito” (p. 93).

Assim sendo, ser-nos-ia difícil conceber o sucesso de um sujeito não usuário da escrita numa sociedade regida pela escrita. A ausência da escrita ou presença rudimentar dela faz com que o sujeito tenha dificuldades de ascensão na sociedade e/ou tenha dificuldade em transitar livremente nela. De acordo com Benassi e Duarte (2014, p. 93), o desempenho, no processo de grafia, pode ser preponderante para, por exemplo, apresentar um simples currículo ou ser efetivado em um trabalho.

Sobre a aprendizagem da escrita, Benassi e Duarte (2014, p. 95) e Benassi (2014) afirmam que a aprendizagem da Língua Portuguesa pelo sujeito visual¹ (*surdo*) é traumática, defasada (quanto aos atuais métodos e concepções) e esquizofrênica (pois prioriza a aprendizagem de uma segunda língua que o sujeito não compreende totalmente, em detrimento aos benefícios e possibilidades da aprendizagem da ELS²). Neste artigo, pretendemos, além de apresentar um novo sistema de ELS, a VisoGrafia, como uma possibilidade de registro gráfico da cultura e da literatura da LS, apresentar também uma análise à bakhtiniana do poema *Sentimentos* de Duarte (Formiga em arte), composto em 2015. A metodologia de execução será a de apresentação resumida da história da ELS, incluindo a VisoGrafia, apresentação de sua estrutura e, por último, a análise do poema.

1.1 Outros apontamentos introdutórios

¹ Termo conceitual delineado pelo pesquisador Anderson Simão Duarte (UFMT), para designar a pessoa que emite e capta mensagens linguísticas por meio do canal visual, levando em consideração que não se separa o sujeito da língua que o constitui ideologicamente. Assim sendo, o ouvinte é caracterizado pela língua oral/auditiva e o visual pela língua espaço/visual e não pela ausência da audição (DUARTE; BENASSI; PADILHA, 2016).

² A respeito dos benefícios e da aprendizagem da ELS, consulta os livros *Escrita de sinais sem mistérios* (BARRETO, BARRETO, 2012) e *Escrita da Língua Brasileira de Sinais* (STUMPF, 2011).

Apesar de se tornarem profícuos na área da Língua de Sinais, os estudos sobre a literatura em LS e de seus tipos de produção artístico-textual, a nosso ver, são pouco conclusivos. Um dos fatores que contribui para essa situação é o registro da produção, basicamente, ora em Língua Portuguesa (LP), ora em vídeo. Para Rosa (2006), a produção literária em LS, registrada por meio de imagem (desenho), é importante para crianças, para terem maior facilidade em perceberem o conteúdo, ter o aspecto visual da produção; por meio da escrita de sinais, para o registro da cultura e do objeto estético na Língua de Conforto do visossinalizante e; por meio da escrita da LP, para aprender” a ler nessa língua (p. 62). Contudo, no que diz respeito à produção de poemas, seu registro e sua divulgação vêm se dando em larga escala por meio de vídeos.

Este aspecto tem prejudicado o desenvolvimento de uma teoria literária da LS ou, pelo menos, da adequação das teorias literárias existentes à modalidade viso-espacial da LS, característica que não pode ser perdida de vista, quando o assunto é análise da produção estética em LS. Apesar de considerarmos relevante a discussão teórica a este respeito, neste trabalho, queremos apenas nos debruçar sobre a análise *alla* Bakhtin do poema *Sentimentos* (2015), de Duarte (Formiga em arte), produzido em Libras e escrito pela VisoGrafia (escrita de sinais que está sendo desenvolvida por mim, Claudio Alves Benassi, em pesquisa doutoral).

2 Breve histórico da ELS e o sistema de escrita da língua de sinais VisoGrafia

De acordo com Olviedo (2007, p. 294), o professor guadalupenho Roch-Ambroise Auguste Bébian “foi o primeiro a demonstrar que os sinais” das LS podiam “ser escritos a partir de uma análise de suas formas”. Bébian desenvolveu o primeiro sistema de ELS de que se tem registro. Trata-se da *Écrire les Signes Mimographie*, que é considerada a mais importante obra de Bébian. No Brasil, existem três sistemas de ELS em circulação: o *SignWriting* (SW – que circula no Brasil), criado, em 1974, pela norte-americana Valerie Sutton, o qual é utilizado em mais de 40 países (BARRETO, BARRETO, 2012, p. 38; STUMPF, 2011, p. 68); a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), criada, em 1997, pela professora Mariângela Estelita Barros³ (BARROS, 2015); e o Sistema de Escrita de Língua de Sinais (SEL), criado, em 2009, pela professora Adriana Stela Cardoso Lessa-de-Oliveira (BENASSI, 2014)⁴.

³ Universidade Federal de Goiás (UFG).

⁴ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

A VisoGrafia foi criada no ano de 2016 pelo professor Claudio Alves Benassi da Universidade Federal de Mato Grosso e está sendo testada em um curso de extensão com ouvintes e visuais (BENASSI, 2016; LEITE, 2016). A VisoGrafia nasceu de uma preocupação do professor Benassi em relação ao ensino de ELS no curso de graduação em Letras-Libras–Licenciatura da UFMT. Conforme Benassi, Duarte e Padilha (2016, p. 35), alguns questionamentos o levaram a experimentar e a realizar uma junção dos elementos mais simples e visuais do SW com a ELiS. A motivação para essa experimentação decorreu do SW não ser reconhecido pela comunidade visual pelo excesso de caracteres, segundo Stumpf⁵, 900 aproximadamente; pelo exacerbado detalhamento da escrita, por isso considerado denso e pesado (BENASSI, *et al*, 2016, p. 721); e pela ELiS ser considerada um sistema complexo e abstrato. No entanto, ambos os sistemas possuem seus elementos visuais e, também, abstratos.

Para Benassi *et al* (2016, p. 722), com base em Bakhtin (2010 [1929], p. 96), o fundamental no exercício de descodificação não se encontra no reconhecimento da forma utilizada, mas na sua compreensão em um determinado contexto concreto e preciso, compreensão “de sua significação numa enunciação particular”. Assim sendo, a VisoGrafia surge da percepção da importância da ELS para o registro da cultura, história e da literatura das LS e das dificuldades encontradas na prática do ensino-aprendizagem das ELS em dois outros sistemas (contextos concretos) – o SW e a ELiS.

Ao contrário do SW, que tem mais de 900 caracteres (a ELiS possui 95), a VisoGrafia nasce com apenas 64 visografemas (letras) na primeira versão. Na atual, que está sendo testada por acadêmicos ouvintes e visuais em um curso de extensão; após testes, exercícios e convenções, o número de visografemas sistema reduziu para 46 e atualmente contamos com apenas 35. A VisoGrafia é uma escrita que consideramos de base alfabética, pois grafa isoladamente os elementos visêmicos das LS. Esses elementos são mais conhecidos como parâmetros e ainda fonemas que representam as configurações de mão, locação, movimento e expressão não manual.

A configuração manual é o formato que a mão adquire na seleção de dedos durante a articulação de um sinal. A configuração manual é composta pela somatória das configurações de dedos (BARROS, 2015). A locação relaciona-se aos diversos locais no corpo ou no espaço em que a mão é posicionada para articular um

⁵ Disponível em

<https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/17/quem%C2%A0usa%C2%A0signwriting/>. Consulta em 10 de abr. 2014.

determinado sinal. O movimento é uma categoria que compreende uma gama de movimentos internos à mão ou externos a ela, os quais podem acompanhar um sinal. Composta por movimentos de braço, punho e dedos e por um terceiro subgrupo que inclui as expressões não manuais, são esses os movimentos faciais e corporais.

Esses caracteres são essenciais para a grafia das LS, no entanto, muitos sinais necessitam de outros elementos gráficos para notá-los com maior precisão. Segundo Benassi *et al* (2016, p. 05), a primeira versão da VisoGrafia tinha um total de 24 diacríticos⁶. Com o curso de extensão, convencionaram-se vários aspectos e elementos da VisoGrafia e o número de diacríticos da VisoGrafia cresceu, hoje, para um total de 58, embora consideramos que em determinados contextos, o uso de alguns deles seja dispensável⁷.

4 Sentimentos: a poética de Duarte (*Formiga em arte*) e apontamentos sobre a análise

Para Padilha (2005, p 18), os dois principais pontos para os quais se orienta a atenção do analista em relação ao discurso poético são o processo de criação artística, em que o artista organiza a linguagem de forma singular, situados num cronotopo determinado, e o produto da criação em suas múltiplas realizações. Quanto à análise, Bakhtin orienta o analista a:

- 1º) Compreender o objeto estético na sua singularidade e estrutura puramente artística;
- 2º) Abordar a obra na sua realidade original, puramente cognitiva, e compreender sua estrutura de forma totalmente independente do objeto estético;
- 3º) Compreender a obra exterior, material, como um objeto estético a ser realizado, como aparato técnico da realização estética, procedendo pelo método teleológico (2010 [1975], p. 22)

Assim sendo, o analista precisa se ater em sua análise à compreensão da estrutura artística do objeto estético, melhor dizendo, verificar as suas possibilidades de realização artística. No caso do gênero poema, as formas de realização são as mais

⁶ Elemento gráfico que na ELS é grafado sobscritamente ao visografema. É utilizado principalmente para completar a grafia dos sinais e/ou torná-los mais legíveis.

⁷ Neste artigo, não colocaremos exemplos sobre a aplicação dos visografemas e diacríticos da VisoGrafia na escrita. No entanto, já contamos com textos publicados e outros que serão publicados em breve que expõem a aplicação dos caracteres na escrita e sua descodificação na leitura. Para maiores informações sobre a VisoGrafia, consultar o site <http://www.visografia.webnode.com>.

diversas possíveis, desde as clássicas até as utilizadas no contemporâneo. Esta é, portanto, a primeira tarefa. Em relação à segunda, o analista deverá compreender a estrutura da obra, como aponta o autor, em sua realidade original, independente do objeto estético, ou seja, desvendar o uso da língua na composição e no material utilizado no caso do gênero poema.

A terceira e última tarefa, proposta por Bakhtin, compreende a análise da obra exterior, ou seja, desvendar a arquitetônica do autor-criador, a qual surge como resultado técnico que a estética realiza. Abarca a compreensão do querer dizer na arquitetura do autor-herói que discursa no objeto estético (poema, em nosso caso) e sua orientação para um determinado fim (teleológica). Antes, porém, de passarmos a exposição do poema *Sentimentos*, convém dizer que o estamos concebendo como um enunciado concreto. O enunciado é, como afirma Sobral (2009, p. 90), fruto de relações e de intercâmbio linguístico, que não se dá em termos de sucessão temporal, mas, sim, de sentido, respondendo a enunciados anteriores e interrogando enunciados vindouros. Para o autor, o enunciado é concreto, pois “é fruto de uma relação concreta entre sujeitos concretos que se acha refletida em sua estrutura” (p. 92.).

Para Bakhtin, dois fatores determinam um texto e fazem dele um enunciado. Em primeiro lugar, a intenção, ou seja, o projeto de enunciação, o querer-dizer em segundo a sua execução. Em segundo, a materialização desse querer-dizer por meio de um gênero discursivo. Para Sobral, Bakhtin “acrescenta que entre o projeto e a sua execução pode haver divergências e que, ao longo da execução, o projeto pode ir se modificando, referindo-se naturalmente às modulações que o locutor imprime ao enunciado.” (2009, p. 91).

Para Benassi, Duarte e Padilha (2015, p. 41), a produção artística literária em LS confere à obra autonomia e originalidade, pois, na concepção dos autores, essa produção não deve ser perpassada pela Língua Portuguesa, quer seja para a organização, quer seja para o registro, características comuns no meio. Para os autores, as LS possuem atributos visuais que, juntamente com a ELS, podem subsidiar tais produções de forma original e autônoma.

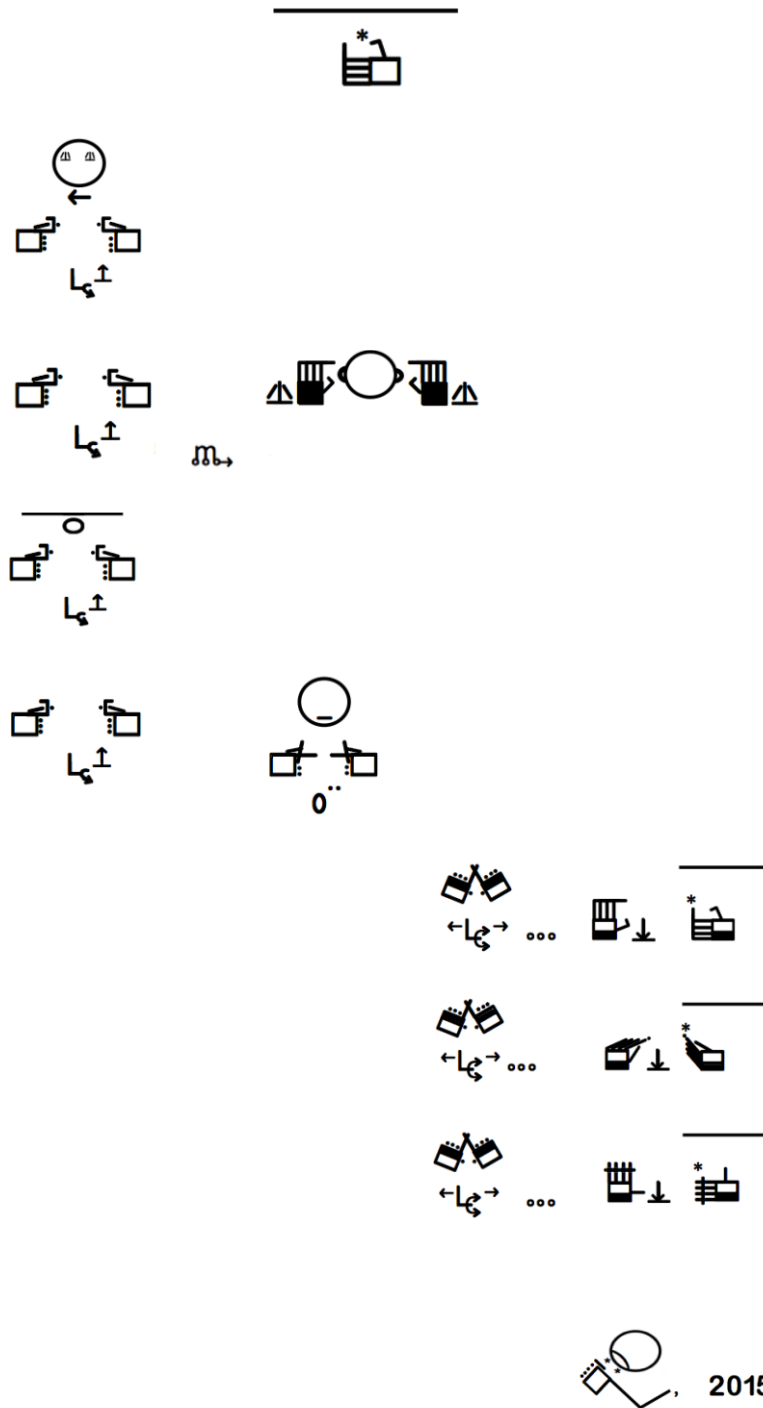
O poema *Sentimentos* (DUARTE, 2015) que analisaremos, neste artigo, foi produzido, exclusivamente, em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo professor e poeta Duarte (Formiga em arte). Foi alvo de análise, sendo ela um painel apresentado no I Círculo de Estudos de Escrita das Línguas de Sinais (I CEELiS) que originou o artigo

Poiesis da Libras e da escrita das línguas de sinais (ELiS): a utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte, ambos divulgados em 2015.

Assim sendo, a grafia em ELS, da produção literária em LS, é um recurso de suma importância, pois é um tipo de suporte que, diferentemente do vídeo, não é perecível. Além disso, permite ao analista visualizar a dupla articulação das LS, aspecto ainda entendido de forma equivocada no meio sinalizado. Os sinais são decomponíveis em dois níveis, sendo o primeiro o morfológico e o segundo visêmico (fonético). Assim, o analista pode observar, a forma como os sinais são encadeados para a produção de determinado objeto estético. Foi a escrita de sinais que nos permitiu a descoberta da métrica dos poemas em LS, a qual se dá de maneira peculiar, determinada pela modalidade visual das LS.

Apresentaremos o poema em sua forma escrita, em Libras escrita pela VisoGrafia e, em seguida, sua transcrição para a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita.

Figura 1. Apresentação do poema *Sentimentos* de Duarte (2015), escrito em VisoGrafia



Fonte: Acervo particular de Claudio Alves Benassi.

Transcrição:

*Não preciso ver
 Não preciso ouvir
 Não preciso andar
 Não preciso falar*

*Mas... te quero junto a mim
 Mas... viva próximo a mim
 Mas... seja meu amigo*

Duarte (*Formiga em arte*, 2015)



Para acessar o vídeo com a leitura do poema, ler o *QRCode* com seu *smartphone* ou clicar no link <https://drive.google.com/file/d/0BzvsJrRqvytXeifZajVHOWJ2MTQ/view?usp=sharing>.

A seguir, tentaremos realizar de modo topicalizado a análise bakhtiniana que compreende os três passos: descrição do objeto estético, apresentação dos aspectos puramente cognitivos e orientação teleológica.

4.1. Primeira tarefa da análise: a descrição do objeto estético





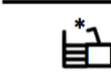

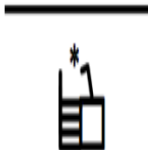
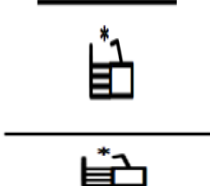
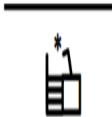

O poema *Sentimentos* está organizado em duas estrofes. A primeira possui quatro versos e a segunda, três, somando assim sete versos no total, configurando-o como uma *septilha*. O elemento de gênese da obra literária está apresentado no título, sendo este a orientação da palma da mão, elemento visual que aparecerá no início de todos os versos da primeira estrofe. Este elemento visual ainda é utilizado na rima visual consecutiva que domina o início dos versos da primeira estrofe.

Os versos rimam na primeira estrofe pelo uso da configuração de mão (figura 1) e, também, pela orientação de palma para trás e movimento. Podemos classificar este tipo de rima como consecutivas iniciais. Na segunda estrofe, há rimas consecutivas iniciais por configuração de mão (figura 2) e orientação de palma para baixo, além da combinação de movimento. Ainda podemos perceber, no final dos versos, a utilização de rimas finais consecutivas de orientação de palma para cima.

Há, na composição, um forte apelo organizacional de elementos por oposição. Esses elementos se alternam nos quatro versos da primeira estrofe. Nos primeiro e terceiro versos aparecem sinais cuja composição neológica⁸ se faz pelo uso de um sinal não manual sobreposto a um manual (figura 3). Em oposição a esta ideia, Duarte utiliza, nos segundo e quarto versos, sinais também gramaticais por sobreposição de sinais manuais (figura 4). Na segunda estrofe, há rimas finais por orientação de palma para cima, as quais compõem os sinais neológicos utilizados (figura 5). Também, no início de cada verso, há rimas por paralelismo de sinais (figura 6).

⁸ Sinais que são constituídos no momento da enunciação, servindo a um propósito de expressão, principalmente, a artística.

Tabela 01. Elementos visêmicos e morfológicos utilizados em *Sentimentos* (2015) de Duarte.

					
Figura 1	Figura 2	Orientação de palma para trás, deslocada do título e que nos versos estabelece rimas iniciais			
					
Figura 3	Figura 4	Figura 5	Figura 6		

Fonte: Claudio Alves Benassi.

Em relação à métrica, observamos que as sílabas poéticas, nos versos, podem ser medidas pela punção de força na articulação dos movimentos dos sinais. Assim sendo, os três primeiros versos são, poeticamente, monossílabos, ou seja, possui uma sílaba forte e uma fraca. No entanto, apenas a sílaba forte é contada, logo, uma sílaba métrica. O quarto verso possui duas sílabas, ambas são fortes, por conseguinte, este verso é dissílabo. Na segunda estrofe, os três versos possuem dois sinais cada um, sendo que, em número de sílabas gramaticais, todos apresentam um total de três sílabas cada. As últimas sílabas dos últimos sinais de cada verso são fracas, por isso, metricamente, os versos podem ser classificados como dissílabos.















4.2 Segunda tarefa: apresentação dos aspectos cognitivos







Para tornar nossas análises mais proveitosas, em relação ao emprego da língua, faremos o uso de uma tabela com a foto do sinal; na sequência, o sinal escrito e, finalmente, apontamentos simples sobre a categoria gramatical e outros a respeito da organização das orações. Apresentamos o material verbal que é organizado a partir da posição estética de Duarte quanto à discursividade da normalização.

A partir de sua visão estética, Duarte lança mão do material verbal, listado na tabela a seguir, e o organiza segundo a sua própria ética, no intuito de concretizar o seu querer-dizer. Assim, busca organizar rimas, opor ideias por meio da utilização de sinais neológicos contrapostos pela utilização de sinais gramaticais, transpondo o elemento de

gênese da obra para as rimas iniciais e fazendo surgir (talvez não de forma controlável e desejada) uma forte relação numerológica em sua obra.

Tabela 02. Elementos visêmicos e morfológicos utilizados em *Sentimentos* (2015) de Duarte.

		Sentimento: substantivo comum	
		Não ver: sinal não manual, neológico verbal e descritivo	Os sinais combinados funcionam como uma expressão verbal. “Não ver” expresso somente pelo rosto funciona como verbo auxiliar ao verbo “não precisar”
		Não preciso: manual Sinal dissílabo. Verbo não direcionado, com aspecto de negação incorporado	
		Ouvir: verbo não direcionado, articulado próximo ao corpo, no espaço em frente ao ouvido externo	Combinado com o sinal “não precisar” funcionam como uma expressão verbal. “Ouvir” funciona como verbo auxiliar ao verbo “não precisar”
		Não andar: sinal neológico verbal	Combinado com o sinal “não precisar”, do qual é auxiliar, os sinais funcionam como uma expressão verbal.
		Falar: verbo não direcionado, articulado próximo ao corpo, no espaço em frente a boca	Combinado com o verbo “não precisar” funciona como uma expressão verbal. “Falar” é auxiliar do verbo “não precisar”
		Mas: conjunção adversativa	Liga as orações e acrescenta a ideia de contraste entre elas

		Te quero junto a mim: sinal neológico dissílabo	Pode ser classificado como uma expressão poética
		Viva próximo a mim: sinal neológico dissílabo.	Pode ser classificado como uma expressão poética
		Seja meu amigo: sinal neológico dissílabo.	Pode ser classificado como uma expressão poética

Fonte: Claudio Alves Benassi.

Em relação ao apelo numerológico existente na composição de Duarte (2015), o número 2, que no ocultismo é representado pelo círculo dividido por uma reta, é tido por Pitágoras como sendo o número que se relaciona com a gentileza, a simpatia, a sabedoria, a tranquilidade e a diplomacia. Já a cadeia trina (número 3) é representada pelo triângulo equilátero. Está relacionado à evocação, ao fundamento e ao apoio. Estabelece relações com a noção de simetria, que só pode ser desenvolvida partindo de três pontos. O 3 representa, ainda, a essência da criação (BENASSI, 2017, p. 58).

O número 4 é representado pela cruz celta e está relacionado aos quatro elementos: o fogo; o ar; a água e a terra. Está sempre ligado à matéria e ao concreto, raramente pode-se observar conotação abstrata ou filosófica relacionada ao 4. A cadeia setenária (número 7) é representada pela cruz suástica em sua forma dextrográ. Está relacionada à criação, religiosidade e espiritualidade, sendo preponderante nas questões abstratas. Está ligada à perfeição e ao autoconhecimento (BENASSI, 2017, p. 61).

4.3 Terceira tarefa: orientação teleológica

Em nossa concepção, esta é uma das mais difíceis tarefas da análise proposta por Bakhtin. Tentar vislumbrar, nas tramas de um texto, o querer-dizer do autor e a sua

finalidade. Certamente, trata-se de uma tarefa muito árdua. Assim sendo, abordaremos este aspecto. No poema, Duarte chama nossa atenção ao explicitar, na primeira estrofe, o colocar-se no lugar do outro. Esse outro se configura como aquele que é marginalizado na sociedade, pelo discurso da normatividade. Desse extra-local são tecidos os fios ideológicos alheios-próprios, o discurso da relatividade, ou seja, se para um sujeito é essencial ver, para o tátil (*cego*), o essencial é ter condições de acessibilidade que atenda às suas demandas de localização.

Para um cadeirante, andar não é essencial para viver, e, sim, ter condições de acessar facilmente as localidades com seu meio de locomoção. Para o visual (*surdo*), o essencial é a comunicação visual, pois ele não tem acesso ao mundo dos sons. Em relação à segunda estrofe, Duarte nos convida a, do lugar do outro, conhecer a realidade desses sujeitos. O discurso traz à baila a noção de que, da exterioridade, um ser, ou melhor dizendo, a estética de um ser não pode nos dar a dimensão, tampouco, o acabamento real, ainda que momentâneo, dele.

Trazendo à baila o apelo numerológico da obra, pelo número 2, podemos entender a forte oposição discursiva de Duarte à normatividade, aos rótulos e ao paternalismo, pois este número evoca a dualidade. O número 3 nos traz a noção da perfeição, no entanto, esta não pode ser encontrada na exterioridade. Somente se aproximando, vivendo e se colocando no lugar do outro, será possível acessá-la. O número 4 representa a materialidade, a concretude discursiva da normatividade. Em contraposição, temos o número sete, que resulta da soma dos dígitos 3 e 4. O sete evoca a espiritualidade, elemento essencial à perfeição e ao autoconhecimento. Só conseguiremos ver a perfeição do outro, como ser, se nos conhecermos e o admitirmos como constitutivos do nosso eu. Por fim, o número 9, que resulta da soma dos dígitos 2, 3, 4 e 7, para Pitágoras, é o número dos iniciados, daqueles já passaram por todas as provas, é um convite de Duarte para darmos mais um passo: para nos iniciarmos na amortização, na não-indiferença.

5 Considerações finais

Após um ano das duas primeiras tentativas de analisar o poema *Sentimentos* de Duarte (2015), uma nova análise foi apresentada neste trabalho. Algumas características da atual análise diferem-se das análises anteriores, tais como a escrita do poema, o sistema de ELS utilizado e a forma da análise, que, por hora, julgamos satisfatória.

Desta vez, escrevemos alguns sinais de modo diferenciado, interferindo na análise do primeiro item (apresentação do objeto estético). No entanto, a avaliação desse fato não é negativa, pois, para Bakhtin (2010 [1929]), tudo está situado num espaço-tempo e os enunciados são irrepetíveis. Assim sendo, nosso conhecimento daquele momento para este configura-se como novo conhecimento, pois nossas percepções desse objeto estético sofreram a ação do tempo, logo, modificou-se. Como expusemos ao longo do presente texto, a VisoGrafia é um sistema de ELS viável para o processo de grafia e registro da cultura e da literatura das LS.

Ainda, apesar da existência de grande controvérsia no meio a respeito do que seja rima e métrica em poemas nas LS, podemos perceber que os elementos visêmicos das LS podem ser combinados, bem como a silabação, que constitui a métrica da poesia das LS de uma maneira peculiar.

Este estudo está em andamento e faz parte de nossa linha de pesquisa sobre a poética ligada às LS. Este, como os textos anteriores, não é um trabalho fechado, tampouco pronto e acabado. Esta pesquisa está aberta a novas apreciações e valorações acadêmicas e será aprofundada noutros trabalhos num futuro breve.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. [1979]. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2010.
- BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2012.
- BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BENASSI, Claudio Alves. Além dos sentidos: a escrita das línguas de sinais como uma proposta de produção acadêmica do surdo. In.: **Seminário de educação 2014: Educação e seus modos de ler-escrever em meio à vida**. (22. 2014: Cuiabá, MT).
- _____. Da escrita do português pela pessoa com surdez. In.: DUARTE, A. S. **Além dos sentidos: ensaios sobre Libras**. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2014. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2856/1976>. Consulta em 30 de mar. 2015.
- _____. Configuração manual e alfabeto manual de Machado e Benassi 2014: a primeira monografia de pós-graduação lato sensu do Brasil em ELiS. In.: **Revista Diálogos (RevDia)**. v. 2, n. 2, 2014. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2875/1993>. Consulta em 30 de mar. 2015.

_____. Formação de docentes de escrita das línguas de sinais (ELiS). In.: **Revista Falange Miúda**. Ano I, n. I, 2016. Disponível: www.falangemiuda.com.br. Consulta em 15 de out. 2016.

BENASSI, Claudio Alves; DUARTE, Anderson Simão. Além dos sentidos I: ensaio a respeito da escrita de sinais. **Revista Diálogos (RevDia)**. v. 2, n. 1, 2014. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2766/1891>. Consulta em 30 de mar. 2015.

_____. Da aprendizagem da modalidade da língua portuguesa pela pessoa com surdez. In.: BENASSI, Claudio Alves; DUARTE, Anderson Simão. **Além dos sentidos: ensaios sobre Libras**. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2014. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2854/1974>. Consulta em 30 de mar. 2015.

BENASSI, Claudio Alves; DUARTE, Anderson Simão; SOUZA, Sebastiana Almeida; PADILHA, Simone de Jesus. VisoGrafia: uma proposta de grafia para as línguas de sinais. In.: **VI Círculo – rodas de conversa bakhtiniana: literatura, cidade e cultura popular**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 1343 p.

BENASSI, Claudio Alves; DUARTE, Anderson Simão; PADILHA, Simone de Jesus. *Poiesis* da Libras e da escrita das línguas de sinais (ELiS): a utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte. In.: **Revista Diálogos (RevDia)**. v. 3, n. 2, 2015. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3368/2365>. Consulta em 15 de out. 2016.

DUARTE, A. S. **Sentimentos**. Poema. Acervo do autor.

LEITE, M. Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais: a pedagogia numa perspectiva bilíngue. In.: **Revista Diálogos (RevDia)**. v. 4, n. 1, 2016. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3899/pdf>. Consulta em 15 de out. 2016.

PÉCORA, Antonio Alcir B.; OSAKABE, Haquira. Apresentação. In.: GNERRE, M. **Lingagem, escrita e poder**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

OVIEDO, Alejandro. Vuelta a um hito histórico de La lingüística de lãs lenguas de señas: La mimographie de Bébian em el sistema de transcripción de Stokoe. **Lenguaje**, Universidad Del Valle, Cali. 2009, volume 37, no 2, p. 293 – 313. Disponível em <<http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37-2>>. Acesso em 25 set. 2013.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

STUMPF, Marianne. **Escrita de Língua Brasileira de Sinais**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.